

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/e7k5de49>

LEGADO ROUBADO: AS ORIGENS EGÍPCIAS DA FILOSOFIA OCIDENTAL

Trad. De JAMES, George (1983-1956). **Stolen Legacy. The
Egyptian Origins of Western Philosophy** (1954).

Rafael Lucas de Lima¹

Prefácio do tradutor

Este texto é uma tradução de uma obra clássica do pensamento afrocêntrico contemporâneo. Publicado originalmente em inglês em 1954, o livro *Stolen Legacy: The Egyptian Origins of Western Philosophy* (*Legado Roubado: As Origens Egípcias da Filosofia Ocidental*) é a principal obra do

¹ Professor de Filosofia da UPE Campus Petrolina. Docente Permanente do PROF-FILO IFSertãoPE.

historiador e professor guianense-estadunidense George Granville Monah James (1893-1956).

O objetivo principal de James nesse livro é sustentar a tese, aliás, bastante controversa, de que *a filosofia não é*, como tradicionalmente se ensina, *uma invenção grega*, perspectiva essa hegemônica entre filósofos e historiadores, mas, sim, egípcia. Certamente, não tenho a pretensão de solucionar essa questão acerca da origem da filosofia, levantada por James e sustentada também por outros, com a presente tradução e as notas críticas que a acompanham. Meu intuito é, antes, o de trazer ao público de língua portuguesa um livro que, para dizer o mínimo, merece ter suas ideias conhecidas e analisadas, para que se possa construir uma visão mais clara acerca desse tipo de pensamento que tem acompanhado e influenciado a vida humana há milhares de anos: o filosófico.

Stolen Legacy compõe-se de uma Introdução e nove capítulos. No Sumário da obra original, James dividiu seu texto em Parte I e Parte II, sendo essa última composta apenas do Capítulo IX. Na presente tradução, baseada numa edição da Allegro Editions, de 2017, apresento aos leitores a Introdução e o Capítulo I, intitulado *Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy (A filosofia grega é filosofia egípcia roubada)*; os outros oito capítulos serão publicados posteriormente, sempre em pares, quer aqui na *Re(senhas)*, quer em outra revista acadêmica.

Sabe-se que todo trabalho de tradução implica, inevitavelmente, na perda, em maior ou menor medida, de algo do sentido original do texto. Não obstante essa dificuldade, tentei traduzir o texto de *Stolen Legacy* do modo

mais literal possível, ao passo que procurei apreender e manter, sempre que a literalidade não me soasse adequada, o espírito que James quis atribuir às suas palavras.

Ao longo deste trabalho, deparei-me ainda com outras dificuldades, sobre as quais considero pertinente informar o leitor.

Uma dessas dificuldades consistiu no fato de que, no texto da edição que me serviu de base, da Allegro Editions, não constam as informações completas das referências bibliográficas utilizadas por James. Assim, o leitor verá que tais referências, sempre que aparecem no texto, consistem apenas da indicação dos nomes das obras citadas e de seus respectivos autores, sem qualquer menção à editora e ao ano da publicação das mesmas.

No texto original, James escreveu muitas palavras e expressões com as iniciais maiúsculas, quando, normalmente, não as escrevemos dessa maneira; esse é o caso, por exemplo, das seguintes palavras e expressões – *Mysteries* (Mistérios), *Arts* (Artes), *Sciences* (Ciências), *Mystery System* (Sistema de Mistério), *Secret Order* (Ordem Secreta), *Neophyte* (Neófito), *Initiates* (Iniciados), *Philosopher(s)* (Filósofo[s]), *Scientists* (Cientistas), *Priests* (Sacerdotes), entre muitas outras, que o leitor identificará facilmente. A fim de preservar o estilo da escrita de James, optei por grafar essas e outras palavras e expressões à maneira do autor, com as iniciais maiúsculas. Optei também por preservar a grafia *sem itálico* de algumas expressões latinas que, em geral, escrevemos em itálico – esse foi o caso, por exemplo, da expressão, tradicional em filosofia,

“summum bonum”, que aparece em diferentes lugares de *Stolen Legacy*.

Outra questão com a qual precisei lidar para levar a cabo esta tradução concerne à falta de padronização, da parte de James, na escrita de algumas palavras e expressões. O principal exemplo que posso mencionar sobre isso diz respeito à expressão grega *peri physeos*, que podemos traduzir por *sobre a natureza*. Essa expressão, que, conforme nos ensina a história da filosofia, corresponde a um título que foi comum a muitos livros dos primeiros filósofos, os *physiologoi*, é grafada por James ora em itálico, ora sem itálico, ora com as iniciais maiúsculas, ora toda com letras minúsculas, de modo que considerei apropriado, para tornar a leitura mais fluida e coerente, padronizar o uso da mesma em todo o texto.

Outra dificuldade, que me exigiu um pouco mais de atenção, está relacionada à pontuação. Em alguns trechos, a pontuação original das frases poderia tornar a leitura mais difícil se eu optasse por simplesmente reproduzi-la literalmente. Por isso, fiz ajustes na pontuação sempre que considerei necessário adequar o texto às normas cultas da língua portuguesa, visando que o conteúdo permanecesse claro e acessível ao leitor, sem comprometer o estilo do autor.

Outra dificuldade que não posso deixar de mencionar, a qual suscita certa estranheza em quem está habituado a escrever e a ler notas de rodapé, diz respeito às Notas (*Notes*) que James apresenta no final do livro, como elemento pós-textual. Tais Notas não constituem propriamente notas de rodapé, uma vez que não há, no corpo do texto, uma chamada numérica para elas. Embora, como o leitor verá, essas notas

pudessem e, quiçá, deveriam ter sido feitas como notas de rodapé de fato, elas constituem, com efeito, comentários e observações cujo objetivo é elucidar algumas ideias centrais que surgem em cada um dos nove capítulos de *Stolen Legacy*. Destarte, o texto original de James não possui notas de rodapé, de modo que todas as notas desse tipo presentes nesta tradução são de minha autoria.

Para finalizar. Houve trechos que traduzi dos quais considerei pertinente apresentar, em nota de rodapé, os respectivos textos originais, para que o leitor possa verificar em que medida minhas interpretações e minhas escolhas de tradução foram ou não adequadas para apreender e expressar os sentidos que James pretendeu dar às suas palavras.

Feitos esses comentários, resta-me desejar ao leitor uma boa leitura.

Rafael Lucas de Lima

Introdução

Características da filosofia grega

Para começar, o termo *filosofia grega*² é um equívoco, pois não existe tal filosofia. Os antigos egípcios desenvolveram um sistema religioso muito complexo, chamado de Mistérios, o qual foi também o primeiro sistema de salvação.

² O itálico é meu. No texto original, lemos: “The term Greek philosophy, to begin with is a misnomer, for there is no such philosophy in existence.” James, *Stolen Legacy*, 2017, p. 1.

Enquanto tal, esse sistema considerava o corpo humano como uma prisão da alma, a qual poderia ser libertada de seus impedimentos corporais, através das disciplinas das Artes e das Ciências, e avançar do nível de um mortal para o de um Deus. Essa era a noção de *summum bonum* ou de maior bem, ao qual todos os homens devem aspirar, e que se tornou também a base de todos os conceitos éticos³. O Sistema de Mistério egípcio era também uma Ordem Secreta, e a adesão era obtida por iniciação e uma promessa de segredo⁴. O ensinamento era classificado e repassado oralmente ao Neófito; e, sob essas circunstâncias de segredo, os egípcios desenvolveram sistemas secretos de escrita e de ensino, e proibiram seus Iniciados de escrever o que eles tivessem aprendido.

Depois de quase cinco mil anos de proibição contra os gregos, eles foram autorizados a entrar no Egito para fins de educação. Primeiro, através da invasão persa e, segundo,

³ De fato, todas as éticas filosóficas assumem que há um *summum bonum*, isto é, um *bem maior* visado por todos os seres humanos. Apesar dessa assunção comum a todas elas, há uma variedade de conceitos de sumo bem. Assim, por exemplo, a ética aristotélica postula que tal bem é a felicidade (v. *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles); as éticas epicurista e utilitarista, o prazer (cf., respectivamente, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro X, de Laércio, e *Utilitarianism*, de Mill); a ética kantiana, uma boa vontade (v. *Fundamentação da metafísica dos costumes*, de Kant); a ética agostiniana, enfim, a comunhão com Deus (cf. *Diálogo sobre a felicidade*, de Agostinho). No caso, de acordo com James, o sumo bem, para os antigos egípcios, consistia na libertação da alma de sua prisão corporal e na apoteose do ser humano.

⁴ Por falar de *Ordem Secreta*, de *iniciação* e de *segredo*, convém observar que James era maçom.

através da invasão de Alexandre, o Grande⁵. Do século VI a.C. até a morte de Aristóteles (322 a.C.), os gregos aproveitaram ao máximo a oportunidade para aprender o que podiam sobre a cultura egípcia; a maior parte dos estudantes recebeu instruções diretamente dos Sacerdotes egípcios, mas depois da invasão de Alexandre, o Grande, os templos Reais e as bibliotecas foram saqueados e pilhados, e a escola de Aristóteles converteu a biblioteca em Alexandria em um centro de pesquisa. Não é de se admirar, portanto, que a produção de um número extraordinariamente grande de livros atribuídos a Aristóteles tenha-se provado uma impossibilidade física para qualquer homem ao longo de uma vida.

A história da vida de Aristóteles fez a ele muito mais dano do que bem, uma vez que ela cuidadosamente evita qualquer afirmação referente à sua visita ao Egito, quer por sua própria conta ou em companhia de Alexandre, o Grande, quando ele invadiu o Egito. Esse silêncio da história joga, de uma vez, dúvida sobre a vida e as realizações de Aristóteles.

⁵ Essas afirmações de James são anacrônicas; pois os diferentes povos que vieram a formar o povo grego – os jônios, os aqueus, os eólios e os dórios – somente começaram a chegar à região onde se localiza a Grécia por volta do ano 2000 AEC, dando início ao período da história grega que se convencionou chamar de pré-homérico. E, ainda assim, cada um daqueles povos chegou à região da Grécia em momentos diferentes. Além disso, se os gregos “foram autorizados a entrar no Egito” (“they were permitted to enter Egypt”) apenas depois desse ter sido invadido e conquistado pelos persas, fato que aconteceu no século VI AEC, então não é correto afirmar que houve “quase cinco mil anos de proibição contra os gregos” (“nearly five thousand years of prohibition against the Greeks”), pois, cinco mil anos antes dessa invasão, a Grécia não só não existia, como os povos que a formaram sequer haviam adentrado em seu espaço geográfico.

Diz-se que ele passou vinte anos sob a tutoria de Platão, que é considerado um Filósofo, porém ele formou-se como o maior dos Cientistas da Antiguidade. Duas perguntas podem ser feitas: (a) Como poderia Platão ensinar a Aristóteles o que ele mesmo não sabia? (b) Por que deveria Aristóteles passar vinte anos com um professor de quem ele não poderia aprender nada? Esse pedaço de história parece inacreditável. Novamente, para evitar suspeitas sobre o extraordinário número de livros atribuídos a Aristóteles, a história diz-nos que Alexandre, o Grande, deu a ele uma vasta soma de dinheiro para conseguir os livros. Aqui, uma vez mais, a história parece inconcebível, e três afirmações precisam ser feitas.

(a) Para comprar livros de ciência, eles devem ter estado em circulação, de modo que Aristóteles pudesse adquiri-los. (b) Se os livros estavam em circulação antes de Aristóteles adquiri-los, e posto que ele não deve ter visitado o Egito de modo algum, então os livros em questão devem ter circulado entre os filósofos gregos. (c) Se circularam entre os filósofos gregos, então nós esperaríamos que o assunto de tais livros tivesse sido conhecido antes do tempo de Aristóteles, e, conseqüentemente, ele não poderia ser creditado por produzi-los ou por introduzir novas ideias de ciência.

Outro ponto de considerável interesse a ser levado em conta foi a atitude do governo ateniense para com a chamada filosofia grega, a qual ele encarava como de origem estrangeira e a tratava como tal. Apenas um breve estudo da história é necessário para mostrar que os filósofos gregos eram cidadãos indesejados, que, ao longo do período de suas investigações,

Re(senhas)

foram vítimas de implacável perseguição nas mãos do governo ateniense. Anaxágoras foi preso e exilado; Sócrates foi executado; Platão foi vendido como escravo e Aristóteles foi indiciado e exilado, ao passo que o mais antigo de todos, Pitágoras, foi expulso de Crotona, na Itália. Podemos imaginar os gregos fazendo tal reviravolta, a ponto de reivindicar os ensinamentos mesmos que eles tinham, a princípio, perseguido e rejeitado abertamente? Certamente, eles sabiam que estavam usurpando o que eles nunca tinham produzido, e, na medida em que entramos passo a passo em nosso estudo, mais nós descobrimos evidências que nos levam à conclusão de que os filósofos gregos não foram os autores da filosofia grega, mas os Sacerdotes e Hierofantes egípcios.

Aristóteles morreu em 322 a.C., não muitos anos depois de ter sido ajudado por Alexandre, o Grande, a conseguir a maior quantidade de livros científicos das Bibliotecas Reais e Templos do Egito. No entanto, apesar de tão grande tesouro intelectual, a morte de Aristóteles marcou a morte da filosofia entre os gregos, os quais não pareciam possuir a habilidade natural para avançar essas ciências. Por conseguinte, a história informa que os gregos foram forçados a fazer um estudo de Ética, que eles também pegaram emprestado do “Summum Bonum” egípcio ou maior bem. Os outros dois filósofos atenienses devem ser mencionados aqui, quero dizer, Sócrates e Platão, que também tornaram-se famosos na história como filósofos e grandes pensadores. Todo menino de escola acredita que, quando ele ouve ou lê a ordem “conhece a ti mesmo”, ele está ouvindo ou lendo palavras que foram proferidas por Sócrates. Mas a verdade é que os templos

Re(senhas)

egípcios tinham inscrições no exterior dirigidas aos Neófitos e entre elas estava a prescrição “conhece a ti mesmo”. Sócrates copiou essas palavras dos Templos egípcios, e não foi seu autor. Todos os templos de mistérios, dentro e fora do Egito, tinham tais inscrições, assim como os boletins semanais de nossas Igrejas modernas.

De igual modo, todo menino de escola acredita que, quando ele ouve ou lê os nomes das quatro virtudes cardiais, ele está ouvindo ou lendo nomes de virtudes determinadas por Platão. Nada tem sido mais enganoso, pois o Sistema de Mistério egípcio continha dez virtudes, e dessa fonte Platão copiou o que tem sido chamado de as quatro virtudes cardiais, justiça, sabedoria, temperança e coragem. Inclusive, é surpreendente como, por séculos, os gregos têm sido louvados pelo Mundo Ocidental por realizações intelectuais que pertencem, sem dúvidas, aos egípcios ou aos povos do Norte da África.

Outra notável característica da filosofia grega é o fato de que a maioria dos filósofos gregos usou os ensinamentos de Pitágoras como seu modelo; e, conseqüentemente, eles não introduziram nada novo no campo da filosofia. Inclusas no sistema pitagórico, nós encontramos as doutrinas (a) dos opostos; (b) da Harmonia; (c) do Fogo; (d) da Mente, uma vez que essa é composta de átomos de fogo; (e) da Imortalidade, expressa como transmigração das Almas; (f) do Summum Bonum ou o propósito da filosofia. E essas, é claro, estão refletidas nos sistemas de Heráclito, Parmênides, Demócrito, Sócrates, Platão e Aristóteles.

A próxima coisa que é peculiar sobre a filosofia grega é seu uso na literatura. O Sistema de Mistério egípcio foi a primeira Ordem secreta da História, e a publicação de seus ensinamentos era estritamente proibida. Isso explica por que Iniciados como Sócrates não se comprometeram a escrever sua filosofia, e por que os babilônios e caldeus, que eram intimamente associados a eles, também abstiveram-se de publicar aqueles ensinamentos.

Nós podemos imediatamente ver quão fácil foi para uma nação ambiciosa e mesmo invejosa reivindicar um corpo de conhecimentos não escritos que poderia fazer dela grande aos olhos do mundo primitivo. O absurdo, todavia, é facilmente reconhecido quando nós lembramos que a língua grega era usada para traduzir diversos sistemas de ensinamentos que os gregos não podiam ter sucesso em reivindicar. Tais foram a tradução das Escrituras hebraicas para o grego, denominada de Septuaginta, e a tradução dos Evangelhos cristãos, Atos e Epístolas para o grego, ainda chamada de Novo Testamento grego. Foi apenas a filosofia não escrita dos egípcios, traduzida para o grego, que encontrou um destino infeliz: um legado roubado pelos gregos.

Pelas razões já expostas, eu fui obrigado a lidar com o assunto deste livro da maneira com a qual lidei, isto é, (a) com frequência de repetição, porque esse é o método da filosofia grega, usar um princípio comum para explicar muitas doutrinas diferentes; e (b) com a citação e análise das doutrinas, porque é o objeto deste livro estabelecer a Origem egípcia, e isso não pode ser tão bem feito se as doutrinas não são apresentadas. A filosofia grega é uma espécie de drama,

Re(senhas)

cujos principais atores foram Alexandre, o Grande, Aristóteles e seus sucessores na escola peripatética, e o imperador romano Justiniano. Alexandre invadiu o Egito, capturou a Biblioteca Real em Alexandria e a pilhou. Aristóteles fez uma biblioteca para si mesmo com livros pilhados, ao passo que sua escola ocupou o prédio e o utilizou como centro de pesquisa. Por fim, Justiniano, o Imperador romano, aboliu os Templos e escolas de filosofia, isto é, outro nome para os Mistérios egípcios que os gregos reivindicaram como seu produto e por causa dos quais eles têm sido falsamente louvados e honrados por séculos pelo mundo como seus maiores filósofos e pensadores. Essa contribuição para a civilização foi realmente e verdadeiramente feita pelos egípcios e pelo Continente africano, não pelos gregos ou pelo Continente europeu. Nós às vezes imaginamos por que os povos de origem africana encontram-se, como de fato estão, em tão difícil situação social, mas a resposta é bastante clara. Se não fosse por esse drama da filosofia grega e seus atores, o Continente africano teria tido uma reputação diferente, e teria desfrutado de um status de respeito entre as nações do mundo. Essa posição desafortunada do Continente africano e de seus povos parece ser o resultado da má compreensão sobre a qual a estrutura do preconceito de raça tem sido construída, isto é, a histórica opinião do mundo de que o Continente africano é atrasado, de que seu povo é atrasado e de que sua civilização também é atrasada.

Por fim, a desonestidade no movimento de publicação de uma filosofia grega torna-se bastante evidente quando nós referimos ao fato de que, propositamente chamando o

Re(senhas)

teorema do quadrado da Hipotenusa de teorema de Pitágoras, tem-se, por séculos, encoberto a verdade do mundo, que deve saber que os egípcios ensinaram a Pitágoras e aos gregos o que de matemática eles sabiam.

Quero mencionar aqui que entre os muitos livros que eu considerei úteis ao presente trabalho estão “A aventura intelectual do homem” (*The Intellectual Adventure of Man*) e “A Religião Egípcia” (*The Egyptian Religion*), do Professor Henri Frankfort, e “O Mundo Mediterrâneo nos Tempos Antigos” (*The Mediterranean World in Ancient Times*), da Professora Eva Sandford.

George G. M. James

Os objetivos do livro

O objetivo do livro é estabelecer melhores relações raciais no mundo por meio da revelação de uma verdade fundamental sobre a contribuição do Continente africano para a civilização. É preciso ter em mente que a primeira lição nas Humanidades é tornar um povo consciente de sua contribuição para a civilização; e a segunda lição é ensiná-lo sobre outras civilizações. Por meio dessa disseminação da verdade acerca da civilização dos povos individuais, um melhor entendimento entre eles e uma apreciação adequada de cada um deve seguir-se. Essa noção baseia-se na ideia da Grande Mente Mestra: Conheceréis a verdade e a verdade libertar-vos-á. Por conseguinte, o livro é uma tentativa de mostrar que os verdadeiros autores da filosofia grega não

Re(senhas)

foram os gregos, mas o povo da África do Norte, comumente denominado de egípcios; e o louvor e honra falsamente conferidos aos gregos, por séculos, pertencem ao povo da África do Norte, e portanto ao Continente africano. Consequentemente, esse roubo do legado africano pelos gregos levou à opinião errada do mundo de que o Continente africano não contribuiu para a civilização e de que seu povo é naturalmente atrasado. Essa é a deturpação que se tornou a base do preconceito de raça que tem afetado todas as pessoas de cor.

Por séculos o mundo tem sido enganado sobre a fonte original das Artes e das Ciências; por séculos, Sócrates, Platão e Aristóteles têm sido falsamente idolatrados como modelos de grandeza intelectual; e por séculos o Continente africano tem sido chamado de Continente das Trevas, porque a Europa cobiçou a honra de transmitir ao mundo as Artes e as Ciências.

Eu estou feliz por ser capaz de trazer essa informação à atenção do mundo, de modo que, por um lado, todas as raças e credos devem conhecer a verdade e se libertarem daqueles preconceitos que têm corrompido as relações humanas; e, por outro lado, que as pessoas de origem africana possam ser emancipadas de sua servidão ao complexo de inferioridade e entrar numa nova era de liberdade, na qual elas sintam-se como homens livres, plenos de direitos humanos e privilégios.

CAPÍTULO I

A filosofia grega é filosofia egípcia roubada.

Re(senhas)

1 Os ensinamentos dos Mistérios egípcios chegaram a outras terras muitos séculos antes de chegarem a Atenas.

De acordo com a história, Pitágoras, depois de receber seu treinamento no Egito, retornou à sua ilha natal, Samos, onde estabeleceu sua ordem por um curto período, depois do qual ele migrou para Crotona (540 a.C.), no sul da Itália, onde sua ordem cresceu em enorme proporção, até sua expulsão final daquele país. Nós também somos informados de que Tales (640 a.C.), que também recebeu sua educação no Egito, e seus companheiros: Anaximandro e Anaxímenes, eram nativos da Jônia, na Ásia Menor, região que era um reduto das escolas de Mistério egípcio, ao qual eles deram continuidade (Sandford, *O mundo mediterrâneo*, p. 195-205). De modo similar, somos informados de que Xenófanes (576 a.C.), Parmênides, Zenão e Melisso também eram nativos da Jônia e de que eles migraram para Elea, na Itália, estabeleceram-se e espalharam os ensinamentos dos Mistérios.

Da mesma maneira, somos informados de que Heráclito (530 a.C.), Empédocles, Anaxágoras e Demócrito também eram nativos da Jônia que se interessaram pela física. Daí, traçando o curso da chamada filosofia grega, nós concluímos que os estudantes jônicos, depois de obterem sua educação dos sacerdotes egípcios, retornaram à sua terra natal, enquanto outros deles migraram para diferentes partes da Itália, onde se estabeleceram.

Consequentemente, a história deixa claro que a vizinhança do Egito familiarizou-se com os ensinamentos dos Mistérios egípcios muitos séculos antes dos atenienses, que em

399 a.C. sentenciaram Sócrates à morte (Zeller, *História da filosofia*, p. 112; 127; 170-172) e posteriormente levaram Platão e Aristóteles a fugirem de Atenas para salvarem suas vidas, porque a filosofia era algo estrangeiro e desconhecido para eles. Por essa mesma razão, nós esperaríamos que os jônios ou os italianos exercessem sua reivindicação de precedência à filosofia, uma vez que essa fez contato com eles muito antes de contatar com os atenienses, que sempre foram seus grandes inimigos, até a conquista do Egito por Alexandre, que providenciou para Aristóteles livre acesso à Biblioteca de Alexandria.

Os jônios e os italianos não tentaram reivindicar a autoria da filosofia porque estavam bem conscientes de que os egípcios eram seus verdadeiros autores. Por outro lado, depois da morte de Aristóteles, seus discípulos atenienses, sem a autoridade do Estado, empreenderam uma compilação da história da filosofia, reconhecida naquele tempo como Sophia ou Sabedoria dos egípcios, que tinha se tornado corrente e tradicional no mundo antigo; essa compilação, porque produzida pelos pupilos da escola de Aristóteles, a história passou a chamar, depois, erroneamente, de filosofia grega, a despeito do fato de que os gregos foram seus maiores inimigos e perseguidores, e persistentemente trataram-na como uma inovação estrangeira. Por essa razão, a chamada filosofia grega é filosofia egípcia roubada, que primeiro espalhou-se pela Jônia, daí para a Itália e daí para Atenas. E é necessário lembrar que nesse período remoto da história grega, isto é, de Tales a Aristóteles, de 640 a.C. a 322 a.C., os jônios não eram cidadãos gregos, mas primeiro súditos egípcios e depois

Re(senhas)

súditos persas. (Zeller, *História da filosofia*, p. 37; 46; 58; 66-83; 112; 127; 170-172. William Turner, *História da filosofia*, p. 34; 39; 45; 53. Roger, *Estudante de história da filosofia*, p. 15. B. D. Alexander, *História da filosofia*, p. 13; 21. Sandford, *O mundo mediterrâneo*, p. 157; 195-205).

Um breve esboço do antigo Império egípcio também deixaria claro que a Ásia Menor ou Jônia era a antiga terra dos hititas, que não eram conhecidos por nenhum outro nome nos dias antigos.

De acordo com Diodoro e Maneto, Alto Sacerdote no Egito, duas colunas foram encontradas em Nysa Arábia, uma da Deusa Ísis e outra do Deus Osíris, na última das quais o Deus declarou que ele tinha conduzido um exército à Índia, até as fontes do Danúbio e tão distante quanto o oceano. Isso significa, é claro, que o Império egípcio, em período muito antigo, incluiu não só as ilhas do Mar Egeu e a Jônia, mas também estendeu-se até as extremidades do Oriente.

Também somos informados de que Senusert I, durante a 12ª Dinastia (isto é, cerca de 1900 a.C.), conquistou toda a costa marítima da Índia, além do Ganges até o oceano Oriental. Conta-se também que ele tinha incluído as Cíclades e uma grande parte da Europa em suas conquistas.

Em segundo lugar, as “Cartas de Amarna”, encontradas nos escritórios do governo do Rei egípcio Iknaton, testemunham o fato de que o Império egípcio estendia-se à Ásia ocidental, Síria e Palestina, e que por séculos o poder egípcio foi supremo no mundo antigo. Isso foi na 18ª Dinastia, isto é, cerca de 1500 a.C.

Também somos informados de que, durante o reino de Tuthmosis III, os domínios do Egito estendiam-se não somente ao longo da costa da Palestina, como também da Núbia ao Norte da Ásia. (Breadsted, *Conquista da civilização*, p. 84. Diodoro, 128. Maneto. Estrabão. Dicearco. John Kendrick, *Antigo Egito*, v. 1).

2 A autoria das doutrinas individuais é extremamente duvidosa.

Na medida que se tenta ler a história da filosofia grega, se descobre uma completa ausência de informação essencial concernente ao início da vida e ao treinamento dos assim chamados filósofos gregos, de Tales a Aristóteles. Nenhum escritor ou historiador professa saber alguma coisa sobre a educação inicial deles. Tudo o que nos dizem sobre eles consiste em (a) uma duvidosa data e local de nascimento e (b) suas doutrinas; mas o mundo é deixado a imaginar quem eles foram e de que fonte eles obtiveram sua educação inicial, e naturalmente se esperaria que homens que ascenderam à posição de um Professor entre familiares, amigos e associados seriam bem-conhecidos, não apenas por eles, mas por toda a comunidade.

Pelo contrário, homens que podem bem ser colocados entre os primeiros Professores na história, que cresceram da infância à idade viril e que ensinaram aos seus pupilos, são representados como desconhecidos, sem quaisquer vestígios iniciais domésticos, sociais e educacionais.

Isso é inacreditável; mas é um fato que a história da filosofia grega tem apresentado ao mundo um número de homens cujas vidas ela pouco ou nada conhece, embora espere que o mundo aceite-os como os verdadeiros autores das doutrinas que afirma serem deles.

Na ausência de evidência essencial, o mundo hesita em reconhecê-los como tais, porque a verdade de toda essa matéria da filosofia grega aponta para uma direção muito diferente.

O Livro sobre a natureza intitulado *Peri Physeos* era o nome comum sob o qual estudantes gregos interessados no estudo da natureza escreveram. Afirma-se que a cópia mais antiga data do sexto século a.C. e é costumeiro referir ao que resta do *Peri Physeos* como fragmentos. (William Turner, *História da filosofia*, p. 62). Nós não acreditamos que Iniciados genuínos produziram o Livro sobre a natureza, uma vez que isso era contrário às regras dos Mistérios egípcios, em conexão com os quais as Escolas Filosóficas conduziram seu trabalho. O Egito era o centro do corpo da sabedoria antiga, e o conhecimento, religioso, filosófico e científico, espalhou-se para outras terras através de estudantes Iniciados. Tais ensinamentos permaneceram por gerações e séculos na forma de tradição, até a conquista do Egito por Alexandre, o Grande, e o movimento de Aristóteles e sua escola para compilar ensinamento egípcio e reivindicá-lo como filosofia grega. (C. H. Vail, *Mistérios antigos*, p. 16).

Por conseguinte, como fonte de autoridade das autorias, *Peri Physeos* é de pouco valor, se algum, uma vez que a história menciona apenas quatro nomes como seus autores, a

saber, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras; e pede ao mundo para aceitar sua autoria da filosofia, porque nos diz que Teofrasto, Sexto, Proclo e Simplício, da escola em Alexandria, supostamente preservaram pequenos remanescentes dele (os Fragmentos). Se *Peri Physeos* é o critério para a autoria da filosofia grega, então ele fica muito aquém do seu propósito, posto que apenas quatro filósofos alegadamente escreveram esse livro e há resquícios de seus trabalhos. De acordo com essa ideia, todos os outros filósofos que falharam quanto a escrever *Peri Physeos* e a ter resquícios dele, também falharam quanto a escrever filosofia grega. Essa é a redução ao absurdo à qual *Peri Physeos* nos leva.

As escolas de filosofia caldeias, gregas e persas eram parte do Antigo Sistema de Mistério egípcio. Elas eram conduzidas em segredo, conforme as demandas da Osírica, cujos ensinamentos tornaram-se comuns a todas as escolas. Ao manter as demandas de sigilo, a escrita e publicação dos ensinamentos eram estritamente proibidos, e, conseqüentemente, Iniciados que se desenvolveram satisfatoriamente em seu treinamento e avançaram ao nível de Mestre ou Professor abstinham-se de publicar os ensinamentos dos Mistérios ou filosofia.

Por conseguinte, qualquer publicação de filosofia não poderia ter vindo da pena dos próprios filósofos originais, mas ou de seus amigos próximos, que conheciam suas visões, como no caso de Pitágoras e de Sócrates, ou de pessoas interessadas, que fizeram anotações daqueles ensinamentos filosóficos que tinham se tornado opinião popular e tradição. Não é de se admirar, portanto, que, na ausência de autoria original, a

história tenha tido que recorrer à estratégia de aceitar a opinião de Aristóteles como a única autoridade na determinação da autoria da filosofia grega. (Alfred Weber, *História da filosofia*, Introdução). É por essas razões que uma grande dúvida envolve a chamada autoria grega da filosofia. (William Turner, *História da filosofia*, p. 35; 39; 47; 53; 62; 79; 210-211; 627. C. H. Vail, *Antigos mistérios*, p. 16. Teofrasto, Fragmento 2 apud Diels. Alfred Weber, *História da filosofia*, Introdução).

3 A cronologia dos filósofos gregos é mera especulação.

A história não conhece nada sobre o início da vida e do treinamento dos filósofos gregos, e isso é verdadeiro não apenas acerca dos filósofos pré-socráticos, mas também acerca de Sócrates, Platão e Aristóteles, que aparecem na história com cerca de dezoito anos de idade e começam a ensinar aos quarenta.

Como um grupo de homens, eles eram indesejáveis para o Estado (*personae non gratae*) e foram, conseqüentemente, perseguidos e levados a se esconderem e ao sigilo. Sob tais circunstâncias, eles não mantiveram registros de suas atividades e isso foi feito para encobrir suas identidades. Depois da conquista do Egito por Alexandre, o Grande, e da captura e pilhagem da Biblioteca Real em Alexandria, o plano de Aristóteles para usurpar a filosofia egípcia foi subsequentemente levado a cabo por membros de sua escola: Teofrasto, Andrônico de Rodes e Eudemo, que logo foram confrontados com o problema de uma cronologia para a

história da filosofia. (Zeller, *História da filosofia*, Introdução, p. 13).

Do começo ao fim desse esforço, há muita especulação sobre a data de nascimento dos filósofos, de quem o público sabia muito pouco. Já no terceiro século a.C. (274-194 a.C.), Eratóstenes, um estoico, elaborou uma cronologia dos filósofos gregos, e, no segundo século a.C. (140 a.C.), Apolodoro também elaborou outra. O esforço continuou e, no primeiro século a.C. (60-70 a.C.), Andrônico, o décimo primeiro diretor da escola peripatética, também elaborou mais uma.

Essa dificuldade continuou ao longo dos primeiros séculos e chegou ao tempo presente, pois parece que todos os escritores modernos de filosofia grega são incapazes de concordar quanto às datas que devem ser atribuídas ao nascimento dos filósofos. A única exceção parece ocorrer com referência aos três filósofos atenienses, a saber, Sócrates, Platão e Aristóteles⁶, dos quais se acredita que as datas de nascimento são certas, e acerca dos quais há acordo geral entre os historiadores.

⁶ Chega a ser realmente espantoso que James afirme, erroneamente, e repita, como veremos mais à frente, que Aristóteles era ateniense. Reproduzo aqui o trecho do texto original em inglês em que ele afirma isso: “The only exception appears to occur with reference to the three *Athenian philosophers*, i.e., Socrates, Plato and Aristotle [...]” (James, 2017, p. 15, grifo meu). Ora, sabe-se que Aristóteles (384-322 AEC) não era ateniense e que ele nasceu em Estagira, cidade que pertencia então à Macedônia e que só veio a ser considerada como parte do mundo grego quando esse foi conquistado por Filipe II e por seu filho, Alexandre III, o Grande, na segunda metade do quarto século AEC, na esteira do processo de expansão do Império Macedônico.

No entanto, quando temos que lidar com os filósofos pré-socráticos, somos confrontados com confusão e incerteza, e uns poucos exemplos serviriam para ilustrar a duvidosa natureza da cronologia dos Filósofos gregos.

(1) Diógenes Laércio situa o nascimento de Tales em 640 a.C., enquanto a história da filosofia de William Turner situa-a em 620 a.C.; a história de Frank Thilly, em 624 a.C.; a de A. K. Rogers, no início do sexto século a.C.; e a de W. G. Tennemann, em 600 a.C.

(2) Diógenes Laércio estabelece o nascimento de Anaxímenes em 546 a.C., ao passo que W. Windelbrand estabelece-o no sexto século a.C.; Frank Thilly, em 588 a.C.; B. D. Alexander, em 560 a.C., enquanto A. K. Rogers, no sexto século a.C.

(3) Parmênides é creditado por Diógenes como tendo nascido em 500 a.C., enquanto Fuller, Thilly e Rogers omitem uma data de nascimento, porque dizem que é desconhecida.

(4) Zeller situa o nascimento de Xenófanos em 576 a.C., enquanto Diógenes, em 570 a.C.; e a maioria dos outros historiadores declara que a data de nascimento é desconhecida.

(5) Com referência a Zenão, Diógenes, que não conhece a data do nascimento dele, diz que ele floresceu entre 464-460 a.C., ao passo que William Turner situa-a em 490 a.C., como Frank Thilly e B. D. Alexander, enquanto Fuller, A. K. Rogers e W. G. Tenneman declaram que a data é desconhecida.

(6) Quanto a Heráclito, Zeller faz as seguintes suposições: se ele morreu em 475 a.C. e se ele tinha sessenta anos de idade quando morreu, então ele deve ter nascido em

535 a.C.; de igual modo, Diógenes supõe que ele floresceu entre 504-500 a.C.; e enquanto William Turner situa o nascimento dele em 530 a.C., Windelbrand situa-o em 536 a.C., e Fuller e Tennemann declaram que ele floresceu em 500 a.C.

(7) Com relação a Pitágoras, Zeller, que não conhece a data de nascimento dele, supõe que se deu entre os anos 580-570 a.C.; e enquanto Diógenes também supõe que ocorreu entre os anos 582-500 a.C., William Turner, Fuller, Rogers e Tennemann declaram que a data é desconhecida.

(8) Com referência a Empédocles, enquanto Diógenes situa o nascimento dele em 484 a.C., Turner, Windelbrand, Fuller, B. D. Alexander e Tennemann situam-no em 490 a.C.; A. K. Rogers e outros declaram que a data é desconhecida.

(9) Com relação a Anaxágoras, Zeller e Diógenes situam seu nascimento em 500 a.C.; William Turner, A. G. Fuller e Frank Thilly concordam com eles, enquanto Alexander situa o nascimento em 450 a.C. e A. K. Rogers e outros declaram que é desconhecido.

(10) Quanto a Leucipo, todos os historiadores parecem ser da opinião de que ele nunca existiu.

(11) Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) são os únicos três filósofos cujas datas de nascimento e de morte não parecem ter levado à especulação entre os historiadores; mas a razão dessa uniformidade deve-se provavelmente ao fato de que eles eram

atenienses⁷ e foram indiciados pelo Governo ateniense, que os teria naturalmente investigado e mantido um registro de seus casos. (A. K. Roger, *História da filosofia*, p. 104).

Nota Bene⁸.

Deve-se notar, a partir do precedente estudo comparativo da cronologia dos filósofos gregos, que (a) a variação nas datas aponta para especulação; (b) os filósofos pré-Socráticos eram desconhecidos porque eram estrangeiros para o Governo ateniense e provavelmente nunca existiram; (c) segue-se daí que ambos, os filósofos pré-Socráticos, juntamente com Sócrates, Platão e Aristóteles, foram perseguidos pelo Governo ateniense por introduzirem doutrinas estranhas em Atenas. (d) Como consequência desses fatos, qualquer reivindicação subsequente, pelos gregos, em relação à propriedade ou à autoria das mesmas doutrinas que eles rejeitaram e perseguiram deve ser considerada uma usurpação.

⁷ Conforme mencionei na nota anterior, James repete o erro de afirmar que Aristóteles era ateniense. No texto original, lemos: “Socrates (469-399 B. C.), Plato (427-347 B. C.), and Aristotle (384-322 B. C.) are the only three philosophers the dates of whose nativity and death do not seem to have led to speculation among historians; but the reason for this uniformity is probably due to the fact that *they were Athenians* [...]” (James, 2017, p. 16, grifo meu).

⁸ No texto original, temos aqui a abreviatura da expressão latina *nota bene*, *N. B.*, que significa *observa bem, nota bem*. O emprego dessa expressão destina-se a chamar a atenção do leitor para algo que o autor considera importante; no caso, James chama nossa atenção para o que ele diz no parágrafo seguinte.

4 A compilação da história da filosofia grega foi o plano de Aristóteles executado por sua escola.

Quando Aristóteles decidiu compilar uma história da Filosofia grega, ele deve ter tornado seus desejos conhecidos a seus pupilos Teofrasto e Eudemo: pois, assim que ele produziu sua metafísica, Teofrasto o seguiu publicando dezoito livros sobre as doutrinas dos físicos⁹. De igual modo, depois que Teofrasto publicou suas doutrinas dos físicos, Eudemo produziu histórias separadas da Aritmética, da Geometria, da Astronomia e também da Teologia. Esse foi um maravilhoso começo, devido ao vasto número de livros científicos e à vasta gama de tópicos abordados. Essa situação suscitou legitimamente a suspeição do mundo, que questiona a fonte desses trabalhos científicos.

Uma vez que Teofrasto e Eudemo foram alunos de Aristóteles na mesma época, e posto que a conquista do Egito por Alexandre, o Grande, tornou a Biblioteca em Alexandria disponível aos gregos para pesquisas, então é de se esperar que os três homens, Aristóteles, que era um amigo íntimo de Alexandre, Teofrasto e Eudemo, não somente pesquisaram na Biblioteca Alexandrina no mesmo momento, como também devem ter-se servido dos livros que os habilitaram a seguir um ao outro de maneira muito próxima na produção de trabalhos científicos (William Turner, *História da Filosofia*, p. 158-159), livros que foram quer uma parte do espólio de guerra tomado da Biblioteca, quer compilações deles. (Observe-se que as obras de Aristóteles revelam sinais de anotações e que

⁹ Isto é, dos pré-socráticos, fisicistas ou *physiologi*.

Teofrasto e Eudemo foram discípulos que frequentaram a escola de Aristóteles ao mesmo tempo). William Turner, *História da Filosofia*, p. 127.

Aqui talvez seja bom mencionar os nomes dos discípulos de Aristóteles que tiveram um papel ativo na promoção do movimento que levou à compilação de uma história da filosofia grega:

(a) Teofrasto de Lesbos, 371-286 a.C., que sucedeu Aristóteles como diretor da escola peripatética. Como mencionado em outro lugar, diz-se que ele produziu dezoito livros sobre as doutrinas dos físicos. Quem foram esses físicos? Gregos ou egípcios? Apenas pense sobre isso.

(b) Eudemo de Rodes, um contemporâneo de Teofrasto com quem ele frequentou a escola de Aristóteles. Diz-se que ele produziu histórias da Aritmética, da Geometria, da Astronomia e da Teologia, como mencionado noutra lugar. Qual foi a fonte dos dados das histórias dessas ciências, que devem ter tomado, a qualquer nação, milhares de anos para se desenvolverem? Grécia ou Egito? Pense nisso.

(c) Andrônico de Rodes, um eclético da escola de Aristóteles e editor de suas obras (70 a.C.).

As obras desses homens, juntamente com a metafísica de Aristóteles, a qual contém um resumo crítico das doutrinas de todos os filósofos anteriores, parecem formar o núcleo de uma compilação do que tem sido chamado de história da filosofia grega. (Zeller, *História da filosofia grega*, Introdução, p. 7-14).

O movimento seguinte foi a organização de uma associação chamada de “O estudo erudito das obras de

Aristóteles”, cujos membros eram Teofrasto e Andrônico, os quais estiveram estreitamente ligados à escola de Aristóteles. A função dessa associação era identificar a literatura e as doutrinas da filosofia com os seus assim chamados respectivos autores, e, a fim de levar isso a cabo, os ex-alunos da escola de Aristóteles e seus amigos eram encorajados a iniciarem pesquisas sobre as obras de Aristóteles e a escreverem comentários acerca delas.

Além disso, a Associação Erudita também encorajava pesquisas para a recuperação do que tem sido chamado de Fragmentos ou remanescentes de um livro que se supõe ter existido e ter levado o título comum de *Peri Physeos*, isto é, sobre a natureza.

Novamente, aqueles que saíram em busca do *Peri Physeos*, ou do que restou dele, eram ex-alunos da escola de Aristóteles e seus amigos: mas seus esforços para estabelecer a autoria falharam.

(a) Teofrasto encontrou apenas duas linhas do *Peri Physeos*, supostamente escritas por Anaximandro.

(b) Diz-se que Sexto e Proclo, no quinto século d.C., e Simplício, no sexto século d.C., encontraram uma cópia do *Peri Physeos*, supostamente produzida por Parmênides.

(c) Além disso, o nome de Simplício também é associado a uma cópia do *Peri Physeos*, a qual se supõe ter sido produzida por Anaxágoras.

Basta de “*Peri Physeos* e Fragmentos”, e basta da tentativa da “Associação Erudita” para o estudo das obras de Aristóteles, que falharam devido à falta de evidências, como foi apontado em outro lugar.

A recuperação de duas cópias e de duas linhas do *Peri Physeos* não é prova de que todos os Filósofos gregos escreveram *peri physeos*, ou mesmo de que os nomes atribuídos a eles foram de seus autores de boa-fé¹⁰. Certamente pareceria que o objeto da Associação Erudita era bater o tambor do próprio Aristóteles e dançar sua própria dança. Disseram que era ideia de Aristóteles compilar uma história da filosofia, e foram a escola de Aristóteles e seus ex-alunos que levaram essa ideia adiante.

Notas

(1) *Os Ensinamentos dos egípcios*. Isso [os Ensinamentos] era chamado de Sophia pelos gregos e significava Ensino da Sabedoria. Incluía (a) Filosofia, Artes e Ciências, (b) religião e magia e (c) métodos secretos de comunicação linguística e matemática. Ler *Stromata*, de Clemente de Alexandria, Livro 6, p. 756 e 758; também Diodoro I, 80; também *Mistérios Antigos*,

¹⁰ Esse trecho suscitou alguma dificuldade de tradução, particularmente porque James não deixou claro se, ao falar de *peri physeos*, ele refere-se ao *título* ou ao *assunto* de uma obra. Com base em minha interpretação, penso que a primeira menção refere-se ao *título* de um livro, *Peri Physeos*, sendo por isso que optei por escrever essa expressão com as iniciais maiúsculas, ao passo que a segunda menção refere-se ao *assunto* de um livro, de modo que optei por grafá-la com as iniciais minúsculas. De todo modo, apresento aqui o trecho do texto original, para que o leitor possa desenvolver sua própria interpretação: “The recovery of two copies and two lines of ‘peri physeos’ is not proof that all Greek Philosophers wrote ‘peri physeos’, or even that the names assigned to them were their bona fide authors.” (James, 2017, p. 29, aspas do autor).

de C. H. Vail, p. 22-23; *Stromata*, de Clemente de Alexandria, Livro 5, c. 7 e 9.

(2) *O Peri Physeos*. Esse foi o nome dado a um dos primeiros livros sobre ciência, excetuando-se os manuscritos egípcios. O nome significa “Sobre a natureza”. Ler *Mistérios Antigos*, de C H. Vail, p. 16.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *Diálogo sobre a felicidade*. Lisboa: Edições 70, 2010.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Bauru: Edipro, 2009.

JAMES, George Granville Monah. *Stolen Legacy: The Egyptian Origins of Western Philosophy*. [?]: Allegro Editions, 2017.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2008.

LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

MILL, John Stuart. *Utilitarianism*. In: *Collected Works of John Stuart Mill*. Toronto: The University of Toronto Press, 2006.

Submetido em Janeiro de 2025

Aprovado em Fevereiro de 2025

Re(senhas)

